

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

**O CIÚME DA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO:
UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE SOBRE A MORTE DE ÂNGELA DINIZ
A PARTIR DO RELATO DE DOCA STREET**

Grace Kelly Arruda Sena

Trabalho de Conclusão de Curso
de Psicologia sob orientação da
Prof.^a Dra. Ida Kublikowski.

São Paulo
2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

GRACE KELLY ARRUDA SENA

O CIÚME DA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO:
UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE SOBRE A MORTE DE ÂNGELA DINIZ
A PARTIR DO RELATO DE DOCA STREET

Trabalho de Conclusão de Curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia
sob orientação da Prof.^a Dra. Ida
Kublikowski

São Paulo

2012

GRACE KELLY ARRUDA SENA

**O CIÚME DA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO:
UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE SOBRE A MORTE DE ÂNGELA DINIZ A
PARTIR DO RELATO DE DOCA STREET**

ORIENTADORA: PROF.^a DRA. IDA KUBLIKOWSKI

RESUMO

Diariamente noticiados pela mídia, há um crescente número de crimes passionais no país, em sua maioria de mulheres mortas por seus namorados, maridos ou amantes. Nas teses de defesa dos réus, sentimentos como ciúme, ódio, egolatria constantemente aparecem como motivo de tais assassinatos. Reconhecendo a necessidade de estudos sobre o tema no Brasil, nos quais não se associe sentimentos como causas de comportamentos, o presente estudo teve por objetivo a compreensão do papel do ambiente na instalação, manutenção e modelagem do comportamento de ciúme, a partir do referencial teórico da Análise do Comportamento, em que se buscou evidenciar as variáveis das quais o comportamento é função a partir da análise de contingências. Tratou-se de um exercício de análise do caso que terminou em tragédia, protagonizado por Doca Street e Ângela Diniz, em 1976. Os resultados obtidos revelaram a influência do reforço no aumento da frequência e intensidade dos comportamentos de agressividade observados, bem como um padrão de comportamentos apresentados pelo casal.

Palavras-Chave: ciúme; crime passional; análise do comportamento

SÃO PAULO

2012

SUMÁRIO

Introdução	05
Cap. 1 - O ciúme da Perspectiva da Análise do Comportamento	09
Cap. 2 - Análise	15
Cap. 3 - Considerações Finais	43
Referências Bibliográficas	46

*"Estar apaixonado é uma delícia, mas é uma doença.
(...) Paixão é como cachaça, só não tem A.A"
(Street, 2006, p.68)*

Introdução

A cada 2 horas uma mulher é assassinada no país, o que coloca o Brasil em 12º lugar entre os países com maior número de homicídios de mulheres (WAISELFISZ, 2010). A maior parte destas vítimas é morta por parentes, ex-namorados, maridos ou homens rejeitados por elas. Crimes deste tipo crescem de forma desordenada e são noticiados diariamente nas coberturas jornalísticas e, apesar de repudiados pela sociedade, até hoje diversos criminosos não respondem legalmente por seus atos.

Homicídios passionais célebres estão descritos na literatura, presentes em contos literários como o caso do inesquecível Otelo, personagem de Shakespeare, cuja paixão extrema e a desconfiança de sua companheira envolveram-no numa trama que culminou com a morte de sua amada. Por outro lado, estão casos da vida real em que cidadãos comuns tiram a vida de seus parceiros, cujas histórias de relacionamentos um dia envolveram sentimentos de grande estima.

Juridicamente, caracteriza-se enquanto crime passional àquele que se comete por paixão e em razão de relacionamento sexual ou amoroso. Trata-se de um crime hediondo, cuja pena prevista é de 12 a 30 anos de reclusão, Alega-se no âmbito do Direito ser este um ato cometido sob violenta emoção, o que se constatado em julgamento, pode levar à redução da pena em até um terço (ELUF, 2003). Constitui-se enquanto um crime de *motivo torpe* (art.121, parágrafo 2º, do Código Penal) e é qualificado se o acusado, sentindo-se desprezado(a) pela(o) amada(o), resolve vingar-se, matando-a(o) (ELUF, 2003). Uma possível definição aponta o crime passional como:

(...) derivado de qualquer fato que produza na pessoa emoção intensa e prolongada, ou simplesmente paixão, não aquela de que descrevem os poetas, a paixão pura, mas paixão embebida de ciúme, de posse, embebida pela incapacidade de aceitação do fim de um relacionamento amoroso, que tanto pode vir do amor como do ódio, da ira e da própria mágoa. (Bernardo, apud Toigo, 2007 pag.14)

Fica implícito nesta concepção criminal que o assassino impelido por sentimentos passionais executa a vítima. Nesta concepção os sentimentos são colocados como os maiores responsáveis pela ocorrência dos crimes deste tipo. Entre eles destacam-se a paixão e o ciúme, que desvirtuam o sentimento do amor, tornando-o ódio (TOIGO, 2010).

Eluf (2003) concorda que um dos motivos associados às causas de crimes passionais seria o ciúme doentio em relação à vítima manifestado por agressões anteriores, sendo motivo presente em cerca de 20% dos homicídios cometidos. Outras emoções e sentimentos são destacados pela autora entre eles o ódio, vingança, egolatria, auto-afirmação e prepotência. A autora acrescenta que 90% dos homicidas passionais são homens. Além dos homicídios, a provocação de ferimentos graves e agressões físicas também aparecem com mais frequência em seus comportamentos e podem estar associados às concepções culturais vigentes. Traições ou possíveis abandonos também estão configurados entre os motivos para execução do crime. Segundo a autora, costuma ser o parceiro(a), e não o rival ou amante, a vítima em potencial do criminoso.

A autora levanta a hipótese de um componente econômico envolvido nos atos de violência, considerando que mulheres emancipadas estariam menos vulneráveis a serem mortas por seus cônjuges do que as que dependeram deles financeiramente por longo período (Eluf, 2003).

A compreensão da questão desenvolvida neste trabalho se baseia no referencial teórico da Análise do Comportamento, cujo foco se opõe às correntes mentalistas que não priorizam as relações indivíduo-ambiente envolvidas nos acontecimentos e colocam sentimentos como causa de alguns comportamentos. Para o behaviorismo a relevância do meio em que o homem interage é essencial para compreensão de seu repertório comportamental.

Um dos crimes passionais mais intrigantes do país aconteceu no final da década de 1970. Em 30 de dezembro de 1976, Raul Fernandes do Amaral Street, conhecido como Doca Street, assassinou sua namorada Ângela Diniz, com três tiros na face e um na nuca, após uma discussão. O casal se relacionava havia três meses.

Durante o relacionamento com Ângela, Doca Street manifestava comportamentos típicos de uma pessoa caracterizada culturalmente como ciumenta e possessiva.

Desta perspectiva, este trabalho tem por objetivo compreender o caso deste relacionamento amoroso que terminou em tragédia, a partir da autobiografia escrita por Street em que constam dados sobre sua versão do crime e do relacionamento com Ângela, com referencial teórico da Análise do Comportamento.

A relevância deste tema de pesquisa se dá em função da escassez de trabalhos teóricos e empíricos a respeito no Brasil. Diante de um crescente número de casos em que estão presentes os aspectos passionais em crimes, diversas vezes associados a términos de relacionamentos e infidelidade. Este material buscará reconhecer a interferência dos comportamentos de ciúme e o papel das variáveis ambientais na manutenção e modelagem destes comportamentos.

O caso de amor entre Doca e Ângela, que teve início em Setembro de 1976, viria a se tornar uma tragédia três meses depois. Ângela com 32 anos, mãe de três filhos de outro casamento, casada na época com o jornalista Ibrahim Sued, amigo de Raul Fernandes do Amaral Street, com 42 anos, então casado com a milionária paulista Adelita Scarpa.

O crime foi de grande repercussão no país, pois o acusado, apoiado pelos advogados, alegava legítima defesa da honra. Em vista da cultura da época acrescentava que sua companheira não se comportava de acordo com dos padrões esperados para uma mulher. Doca apontava uma possível promiscuidade de Ângela que fugia dos padrões do período, o uso de drogas e a paixão que o levou a abandonar esposa e filhos. Segundo Street, as últimas palavras de Ângela pediam por um relacionamento aberto e condenavam sua honra masculina. Na época a valorização da honra do homem e da fidelidade da mulher no relacionamento contribuíram para que no primeiro julgamento, Street fosse absolvido de seu crime.

Eluf (2003) aponta que na época, havia uma diferença legal no tratamento de homens e mulheres que gerava uma discriminação da mulher, já que os jurados viam o homicida passional com benevolência, uma vez que a infidelidade era uma afronta aos direitos do marido.

Em 1981, diante do movimento feminista na época intitulado "Quem ama não mata", e de um novo julgamento, Doca Street foi condenado a 15 anos de prisão pelo assassinato de sua companheira. Desde então, a tese de legítima defesa da honra não é aceita nos tribunais brasileiros. Street cumpriu

três anos em regime fechado, dois no semi-aberto e dez em liberdade condicional.

Para atender aos objetivos propostos desenvolveu-se um exercício de reflexão, a partir da análise dos comportamentos envolvidos na relação amorosa de Doca Street e Ângela Diniz destacados na autobiografia "*Mea Culpa*" (Street, 2006).

Por meio de resumo e de trechos na íntegra retirados da autobiografia, em que o autor oferece dados referentes ao relacionamento com Ângela em que aspectos de ciúme e agressividade estão presentes, bem como pensamentos e sentimentos associados, foram apresentadas informações que permitem uma compreensão global da história, uma vez que se os considera fundamentais para reflexão a ser desenvolvida. A seguir, as frases apresentadas no Cap. 3 em *itálico* são comentários da autora.

Para realização da análise funcional, buscou-se identificar as variáveis das quais o comportamento é função, ou seja, quais são os possíveis determinantes do comportamento, reconhecendo as relações entre os comportamentos do organismo e suas conseqüências.

O percurso seguido na análise teve por base os passos sugeridos por Matos (1999) sendo eles, a identificação do comportamento de interesse, em segundo a descrição e identificação da topografia, isto inclui a freqüência em que ocorre, a duração e a intensidade do comportamento. O terceiro passo seria a análise das relações entre variáveis ambientais e comportamentais, ou seja, a descrição dos antecedentes sucessores do comportamento e por último o reconhecimento das condições ambientais e conseqüências que mantêm o comportamento. Cabe, no entanto ressaltar que tais passos não puderam ser trilhados na íntegra por tratar-se de uma análise baseada em uma descrição literária, em que não se teve acesso ao comportamento no momento em que ocorria.

Capítulo 1- O ciúme da perspectiva da Análise do Comportamento

Skinner (1982) aponta que o que é sentido ou introspectivamente observado não pode ser considerado causa de um comportamento.

Eis a posição comportamentalista: volta aos eventos ambientais antecedentes para explicar o que alguém faz e, ao mesmo tempo, o que essa pessoa sente enquanto faz alguma coisa. Para cada estado sentido e designado pelo nome de um sentimento, presumivelmente existe um evento ambiental anterior do qual esse estado é produto. (Skinner, 1982, pag.103)

Assim, se comportando de maneiras diferentes sente-se coisas diferentes Skinner (1982), o autor também aponta que quanto mais variáveis das quais o comportamento é função forem identificadas pela análise, menos se associará a explicações mentalistas, que não priorizam a interferência do ambiente no comportamento.

As relações que o organismo estabelece em seu ambiente são influenciadas por três níveis de seleção por conseqüências: a história filogenética, ou seja, traços fisiológicos e comportamentais próprios da espécie; a ontogenética, a história de vida do organismo pela interação deste com o meio em que vive, e o terceiro nível de seleção por conseqüências - a cultura, incluindo as práticas sociais, religião, valores, crenças, entre outros. Assim, o que se observa introspectivamente são efeitos colaterais dessas histórias (Skinner, 1982).

Neste sentido o ciúme para a Análise do Comportamento pode ser definido

(...) como um sentimento que emerge em uma situação sinalizadora de possível perda de um estímulo reforçador para outro indivíduo, podendo envolver a emissão de respostas coercitivas que visam evitar esta perda e a produção de conseqüências reforçadoras e/ou punitivas para o comportamento dos indivíduos envolvidos em uma

manifestação de ciúme. (Menezes e Castro, 2001, p. 20, apud Costa, 2005, p.9).

A teoria comportamental compreende que a referência ao ciúme, aponta para uma classe de comportamentos em que diversas topografias de respostas aparecem. Costa (2009) propõe a definição de ciúme como uma classe de respostas, concebendo que se trata de um conjunto de comportamentos interligados, alguns eliciados e outros operantes. O indivíduo alvo dos comportamentos de ciúme do parceiro é fonte de reforçadores primários e secundários, sendo reforço tudo aquilo que é contingente à resposta. Reforçadores primários são aqueles necessários para a sobrevivência, ou seja, alimento, afeto, sexo. Reforçadores secundários são aqueles derivados de um processo de aprendizagem. Vale lembrar, que as propriedades reforçadoras não estão no estímulo em si, mas nos efeitos que este estímulo tem sobre o comportamento.

Por se tratar de um comportamento operante, isto é, que altera o ambiente e cujas conseqüências retroagem sobre o organismo que se comporta (Skinner, 1982), as respostas com topografia de ciúme aumentam ou diminuem de freqüência se a conseqüência é reforçadora ou não. (Costa, 2009). Segundo a autora, o componente operante do ciúme é mantido por reforçamento negativo (remoção do rival ou atenuação da situação) ou por reforçamento positivo (atenção social). O aparecimento de subprodutos emocionais como raiva e tristeza estaria associado à não efetividade do comportamento "ciumento", enquanto que respostas de satisfação, prazer ou alívio seriam mantidas por reforçamento positivo, conseqüências naturais dos comportamentos.

Enquanto um operante, o ciúme também estaria implicado nessa concepção. Assim podemos compreender que o ciúme enquanto um comportamento privado está associado à seleção por conseqüências. Segundo Costa (2001) ele pode ter sido selecionado em função das vantagens evolutivas para as espécies. Os mamíferos possuem mecanismos de ataque inatos liberados pela experiência de dor ou ameaça de perda e costumam viver em ambientes coercitivos. O ataque ao outro tem valor de sobrevivência:

Espécies cujos membros não reagissem adaptativamente à dor e à ameaça de dor não teriam sobrevivido por muito tempo. A prevenção de dor por meio da fuga, se o ataque parecer muito arriscado, e a prevenção pelo ataque, se fugir for impossível, têm promovido sobrevivência. (...) A melhor defesa é um bom ataque. (Sidman, 2001, p.221).

Menezes & Castro (2001) agregam que a filogênese poderia ter selecionado comportamentos de ciúme devido à sua utilidade possível para defesa de territórios, para o indivíduo e sua prole.

Para além da compreensão filogenética os comportamentos de ciúme também envolvem aprendizagem em nível ontogenético:

No nível ontogenético, reforçamento positivo e negativo, generalização, imitação e punição de outros comportamentos seriam processos envolvidos na instalação e/ou manutenção do ciúme. (Costa, 2009 apud Menezes & Castro, 2001, pag.59).

Costa (2009) representa o comportamento emocional topográfico do ciúme da seguinte forma, cabendo observar que a atenção social é reforçador positivo e realimenta a cadeia anterior.

Competição com um rival por acesso a reforçadores --
componente eliciado/operante --- remoção do rival/
atenuação da situação de competição/atenção social.
(Costa, 2009).

A agressividade muitas vezes está presente nas discussões de casais. Os comportamentos agressivos e de respostas características de ciúme podem se instalar das seguintes formas:

- Devido a um histórico de punições que o indivíduo sofreu ao longo de sua vida e que, por reforçamento negativo, teve como consequência a eliminação das estimulações aversivas de seu ambiente.

- Por reforçamento positivo, ou seja, na maioria das vezes que a pessoa se comportou de forma agressiva obteve como consequência um reforço positivo (objetivo alcançado).

Com tal relação de aprendizagem estabelecida, o indivíduo passaria a se comportar de tais formas também em outros ambientes e com outros indivíduos de maneira a alcançar seus objetivos. Foi aprendido então um tipo de relação que produz soluções favoráveis a esta e a pessoa tende à generalização.

Um comportamento fortalecido numa dada situação estimuladora provavelmente ocorrerá em outras situações, assim uma resposta adquirida numa situação não precisará ser reaprendida em situações similares e a tendência do comportamento é a "generalização". (REESE, 1975, p.28).

Segundo Carvalho & Mackenzie (2007), o ciúme romântico se constituiria ao longo da vida de cada indivíduo de acordo com as experiências vivenciadas e se diferenciaria em sua manifestação (topografia dos comportamentos), mas não em sua função. Os autores percebem dois fatores como fundamentais para o ciúme romântico: a auto-imagem do sujeito e suas crenças sobre relacionamentos amorosos, principalmente crenças relacionadas à infidelidade de seu parceiro.

Costa (2009) reconhece a importância dos fatores sociais e culturais nas manifestações de ciúme. O que se observa é que a concepção de ciúme se modifica de acordo com o momento histórico de uma dada sociedade, de tal forma que em diferentes culturas, modelam-se diferentes formas de ciúme. A autora ainda destaca o controle social envolvido nas manifestações de ciúme, reconhecendo que em situações em que há evidências de infidelidade e/ou competição, o grupo em que o indivíduo está envolvido pressiona-o para que este defenda o que lhe pertence.

O controle pode estar no contexto social que espera a ocorrência do ciúme nas relações amorosas. Neste caso, ao emitir comportamentos de ciúme, o indivíduo se esquia de possíveis punições do grupo social, incluindo punições do próprio parceiro. (Costa 2009 apud Menezes & Castro 2001). Ao

que parece esta expectativa é diversas vezes manifestada pelo próprio companheiro, que espera estes comportamentos como prova de amor.

A manifestação diferente do comportamento de ciúme por homens e mulheres estaria relacionada ao desenvolvimento de crenças distintas acerca da infidelidade, a partir de influências sócio- culturais e vivências particulares. (Carvalho & Mackenzie, 2007).

Carvalho e Mackenzie (2007) definem o ciúme como uma reação frente à ameaça de um rival, real ou não, em um relacionamento amoroso considerado importante, uma reação possível quando a estabilidade do relacionamento for ameaçada. A perda da atenção do parceiro parece fator decisivo para o aparecimento do comportamento de ciúme (Leite, 2001).

Leite (2001) faz uma distinção entre ciúme e inveja e conclui que o ciúme pode ser caracterizado por medo da perda, desconfiança, ansiedade e raiva. Por outro lado, a inveja estaria associada a sentimentos de inferioridade, ressentimento e desaprovação.

A autora diferencia como ciúme normal aquele decorrente de fatos, e o ciúme patológico o oriundo de delírios, que busca pelos fatos. Percebe-se que um indivíduo que tem ciúme patológico diversas vezes tem interpretações equivocadas sobre os sinais do ambiente e comportamentos do companheiro, de tal forma que constantemente verifica suas dúvidas. Seus comportamentos podem ter aspectos agressivos e restritivos, o que acaba por tornar-se algo prejudicial ao relacionamento e compromete a individualidade e liberdade do parceiro.

Os autores Carvalho & Mackenzie (2007) apontam as "crenças de controle", que revela a necessidade do indivíduo de ter controle sobre o que acontece com o parceiro constantemente, como o local onde ele está e com quem, de tal forma que uma vez que a necessidade de controle do indivíduo, com relação ao parceiro amoroso não é atingida, desencadeiam-se reações de ciúme romântico.

Leite (2001) acrescenta que o uso de substâncias tóxicas e/ou ilícitas favoreceria manifestações de comportamento de ciúme e que possivelmente casais onde ocorrem homicídios passionais, manteriam vínculos patológicos que se reforçariam mutuamente na relação.

Para a Análise do Comportamento, a agressão pode surgir como efeito colateral da coerção manifesta pelo controle do ciúme. Segundo Sidman

(2001) a punição não precisa ser fisicamente dolorosa para iniciar a agressão, pois alguém ou algo que sinalize privação do reforço levaria o sujeito a respostas de agressividade. O autor aponta que na coerção o sujeito realiza comportamentos que levem à agressão ao outro, sinalizando que a oportunidade para atacar torna-se um reforçador positivo.

A reação agressiva visaria eliminar os riscos de perda do objeto amado por haver a crença, ou mesmo a existência real de um rival, pelo qual a pessoa se sinta ameaçada.

Capítulo 2 - Análise

Era a famosa "Pantera de Minas". Mas mesmo assim fiquei fascinado com sua beleza. (Street, 2006, p.26)

Na verdade amava minha mulher e não tinha motivo para me arriscar numa aventura (Street, 2006, p.27)

Dali em diante, começamos a tomar champanhe com laranjada e nos amamos tanto, e com tanta intensidade, que perdi completamente a noção de tudo. Nunca tinha me sentido tão à vontade com uma mulher. (Street, 2006, p.28)

Sei lá o que tinha acontecido, eu tinha perdido o controle, não foi só uma transa, como eu havia planejado. Tinha me envolvido emocionalmente. Com 42 anos, algumas paixões, três casamentos, dois filhos... não era para estar de quatro daquele jeito." (Street, 2006, p.28)

Só voltei a me encontrar com Ângela duas semanas depois. Nesse tempo, apesar de falar com ela todos os dias, consegui relaxar. A minha família estava tranquila, a dela também, seria como eu tinha previsto – apenas aquilo que na época chamavam de "amizade colorida. (Street, 2006, p.28)

Na verdade eu tinha razão de ficar receoso. Todas as vezes que eu me envolvia seriamente com uma mulher, era pura paixão. Quando acabava eu sofria e jurava nunca mais me apaixonar. O pior de tudo é que eu era daqueles que achava que a vida sem uma grande paixão não valia a pena, e continuava garimpando até encontrar outra. Paixão? Perigo? Tem coisa melhor? (Street, 2006, p.28)

Street reconhece sua dificuldade com términos de relacionamento, durante a relação vive momentos de intensidade e paixão. A busca por uma nova paixão, apresentada neste trecho, revela o valor do reforçador para Doca. Para Análise do Comportamento a paixão é uma forte fonte de reforçadores primários, o que incluem o prazer e o sexo.

Quando o valor do reforço é alto, o indivíduo costuma comporta-se de forma à que consiga alcançar tal reforço com maior freqüência. Ainda que esquema de intervalo variável, devido à impossibilidade de ter acesso a este tipo de reforçador a todo o momento, pois se trata de um envolvimento que depende de outros fatores entrelaçados, dentre os quais a presença de uma pessoa de interesse e agente do reforço.

Ela estava linda daquele jeito: atravessando numa poltrona, só de calcinha e camisa. Ia enrolando o baseado e contanto os poucos dias que passara presa. Tinha ensinado as presas a se maquiarem na última moda. – Uma me beijou e me passou a mão, mas ficou nisso. (Street, 2006, p.44)

O casal fazia uso de drogas durante a relação, nesta época ainda no início do relacionamento, Doca curtia os momentos em que podiam fumar maconha juntos, e gostava de ver Ângela ao natural, com roupas insinuantes e transparentes. As situações em que faziam o uso de drogas juntos eram altamente reforçadoras, enquanto ver sua amada com roupas provocantes despertavam em Doca o sinal para obtenção de reforçadores primários.

Mas Ângela não saía da minha cabeça... seu cheiro de fêmea, o jeito de andar de sorrir com os olhos faiscando... eu estava preocupado e ao mesmo tempo queria mais. Tentava me convencer de que estava tudo bem: afinal, tinham sido apenas duas tardes divertidas. (Street, 2006, p.45)

O que havia acontecido? Paixão à primeira vista? Estivemos juntos pouquíssimas vezes, não era para eu estar assim, de ponta-cabeça. Era verdade, estava

adorando amá-la, mas estava sofrendo muito com aquela loucura toda. Um alarme tocava dentro da minha cabeça, mas meu coração o desligava. (Street, 2006, p.48)

Por que tinha tanta necessidade de estar junto dela? Até aquele momento, apesar de querermos estar juntos, nunca falamos sobre planos para o futuro ou qualquer coisa do gênero. Em nossos encontros só nos amamos. Eu conhecia seu corpo, o jeito delicioso como ela se movia, sua perspicácia e inteligência, e não podia ficar sem sua companhia. Mas não sabia nada sobre seus planos e ideais. (Street, 2006, p.56)

Doca aparece cada vez mais propenso a buscar a fonte de reforçadores trazida por Ângela e há um aumento do valor deste reforço. No caso a atenção propiciada por Ângela somada aos reforçadores primários aumentam a freqüência com que Doca procure pela moça no decorrer dos dias.

Só uma vez encontramos uma pessoa que a conhecia, um ex-namorado. Estávamos jantando de madrugada em um restaurante a poucas quadras do hotel, quando ele apareceu. Aproximou-se, cumprimentou e foi se juntar aos amigos dele, que não a conheciam. Fiquei morrendo de ciúmes, porque ela fez charminho, desses que toda mulher faz. Fazia isso naturalmente, era sua personalidade. Acho até que não era por maldade, era só pra provocar. (Street, 2006, p.69)

*Esta foi a primeira vez que Street descreve em sua autobiografia o encontro de Ângela com um ex-namorado. Percebe-se que diante do charminho (SD)^{*1} Doca não reage abertamente, porém seus comportamentos encobertos revelam o ciúme diante da situação que se manifesta por sua desconfiança, ou seja, crenças de infidelidade aprendidas em sua história anterior.*

^{*1} SD - Discriminative Stimulus (estímulo discriminativo)

Para piorar, no dia seguinte, nós o encontramos novamente numa loja onde estávamos comprando uma Polaroid, pois queríamos nos fotografar nus. Foi um encontro rápido e sem importância, apesar de na despedida ela ter dito qualquer coisa como: “Quando passar pelo Rio me procura”. É evidente que fiquei me mordendo, mas me controlei. (Street, 2006, p.69)

No dia seguinte, mais uma vez com o encontro do ex-namorado de Ângela, Doca controla seus comportamentos abertos e não recebe reforço, o que poderia levar a diminuição deste controle.

Naquela noite bebemos muito e ficamos doidões. Fotografei-a nua em dezenas de posições, ela também tirou algumas fotos minhas. Foi uma noite de fotos, vodca e drogas. Uma hora, estávamos muito loucos e quebramos o maior pau, porque ela resolveu contar as coisas que fazia com o ex-namorado, aquele que havíamos encontrado. No final acabou tudo bem, nos engalfinhamos não por briga, mas por amor. (Street, 2006, p.69)

*Neste esquema - Ouvir sobre o ex (SA)^{*2} - Discussão (R)^{*3} - Afeto (S+)^{*4}. Desta vez, a fala de Ângela sobre o ex-namorado desperta em Doca comportamentos de agressividade, no livro não há maior descrição desta briga que pode ter sido apenas uma discussão verbal, porém pode-se pensar que ao final da briga, o casal continuou com comportamentos rotineiros, reforçadores para o casal.*

^{*2}- SA - antecedent stimulus (estímulo antecedente) / ^{*3} Resposta / ^{*4} Positive Consequence (reforço positivo)

Durante uma festa na casa dos amigos, regadas por drogas e bebidas alcoólicas, Doca foi ao quarto de Ângela e a encontrou-a na cama com uma amiga, elas se beijavam e não se incomodaram com sua presença, Street juntou-se às moças e passou a noite bebendo uísque e beijando-as até o dia seguinte. Preocupado com os empregados, manteve a relação reservada ao quarto. Refletindo sobre a mulher que estava com o casal, o autor acredita que as mulheres que se aproximavam de Ângela, queriam apenas extrair algo dela como atenção e carinho e que por culpa dela a amizade perpetuava.

Neste momento da relação o ménage a três era apreciado por Doca, encontrar a namorada na cama com uma amiga era sinal de reforço.

Durante uma conversa com Ibraim em um restaurante, o então marido de Ângela, mencionava sua relação com as amantes, e o sentimento de amor que tinha por Ângela e as frustrações do casamento.

No livro o autor não faz comentários sobre sua opinião á respeito deste tipo de conversa, dados estes que poderiam acrescentar na construção da análise do caso.

Após um encontro entre amigos, em que o casal não se comportou como amantes, Ângela ligou reclamando que Doca não havia dado atenção a ela.

O que revela que a atenção de Doca era um reforçador valioso para Ângela.

Nos dias que seguiram, durante um almoço com uma amiga de Ibrahim, em um restaurante lotado, e com a esposa de Doca presente, os convidados usaram cocaína e ingeriam bebidas alcoólicas.

A conversa estava animada, o ambiente era muito bonito. De repente reparei que Ângela estava olhando para um homem, que, por sua vez, estava tão encantado que dava a maior bandeira. Levantava o copo para ela, e mandou o garçom entregar-lhe um cartão. Assim que ela o recebeu, o camarada foi direto para o banheiro. Ângela adorava

provocar. Levantou-se e foi na mesma direção. Meu pavio encurtou: segui-a até o toailete das mulheres, empurrei-a para dentro e depois para um dos reservados. Não disse nada, só sacudi pelos ombros, tanto e com tanta força que a cabeça dela ia para a frente e para trás. Depois de alguns segundos, não agüentou mais e seu corpo amoleceu. Empurrei Ângela para o vaso e saí. Tudo foi tão rápido que, quando voltei para a mesa, ninguém estranhou. Estava completamente corroído de ciúmes, mas consegui manter uma aparência calma. (Street, 2006, p.101)

Diante da situação em que Ângela segue um homem (SD) a resposta de Doca é segui-la e agredir, e como consequência há um reforço negativo, ou seja, a retirada do estímulo aversivo, neste caso o flerte. Nota-se a crença de infidelidade, Doca imaginava que Ângela pudesse protagonizar algo com o rapaz tendo em vista sua história anterior com os homens, da qual Doca já tinha conhecimento.

Street buscou pelo reforço social mantendo após a briga uma aparência calma, seria punitivo para ele a reprovação social tendo em vista seu comportamento agressivo anterior.

Ângela demorou para voltar. Quando apareceu, estava muito pálida, disse que não estava se sentindo bem, que iria para casa e que à noite nos veríamos na casa do Ibrahim. (Street, 2006, p.101)

Neste momento Ângela não reforça o comportamento anterior de Doca (brigar), porém não pune. Ao deixar a situação realiza um comportamento que diminui a possibilidade de punição para ambos.

Doca e Adelita foram para casa de Ibrahim em Ipanema, enquanto sua esposa descansava, Doca encontrou-se com Ângela na sala que ao vê-lo levantou-se.

(...) Segurei-a pelo braço e puxei-a na minha direção. Tivemos uma conversa áspera. Argumentei que a amava, que não agüentava ver que ela queria tudo e todos. Ela dizia que era livre e dona da própria vida. Reclamei, disse que ela, por saber que eu a amava, fazia coisas para me enciumar. Meu argumento era tão preciso que ela sorriu e me abraçou.

- Também te amo, mas quanto olha para outras mulheres não te sacudo, como você fez.

Na verdade eu estava assustado com aquilo tudo, tentando me reconciliar com ela, e com tesão.

- Como podemos pensar em viver juntos depois do que aconteceu esta tarde? (Street, 2006, p.102)

Neste momento Ângela reforça com atraso o comportamento agressivo anterior de Doca no restaurante, por meio de atenção e palavras de afeto Street justifica sua conduta agressiva com um sentimento, porém para Análise do Comportamento, um sentimento não pode ser causa de um comportamento, ou seja, não houve agressividade por causa do amor. As crenças de infidelidade de Doca propiciam um aumento da busca por situações em que há possibilidade da perda de Ângela sua fonte de reforçadores, e diante de um estímulo que sinalize a possibilidade de perda e punição, Street comporta-se de modo agressivo para evitar o aversivo.

À noite os casais foram a uma boate

Já era tarde, duas da manhã, e Ângela me tirou para dançar. Estávamos quase na pista, quando um jovem a pegou pelo braço e disse qualquer coisa no ouvido dela. Ela puxou o braço, disse um monte de desaforos e ameaçou ir para cima dele. Entrei no meio, derrubando cadeiras e ele também. A confusão foi grande, e fomos parar no meio da rua. A boate ficava em Ipanema, em frente a uma praça. Muita gente saiu de dentro para ver ou apartar, mas ninguém conseguiu nos segurar.

Finalmente, os amigos do sujeito o colocaram num táxi e Ângela e minha mulher me acalmaram. Ibrahim, que só naquele momento apareceu, disse qualquer coisa da qual não gostei, algo como: "Você não precisava fazer tudo isso". Aquilo me estressou de vez. Puxei minha mulher para dentro de um táxi, fomos para a casa do Ibrahim arrumar nossas malas e baixamos no Anexo do Copacabana. Durante toda aquela confusão, minha mulher permaneceu como sempre: calma e tranqüila. Quando chegamos ao hotel, ela comentou que Ibrahim ia ficar chateado por termos saído da casa dele assim, de madrugada. Rimos daquilo tudo e fomos dormir. (Street, 2006, p.103-104)

Aqui a agressão é direcionada ao rival, desta vez o alvo não é Ângela possivelmente porque a situação descrita mostra que Doca ao perceber a namorada possivelmente incomodada com a presença do rapaz (SD) age agressivamente, e é reforçado pela retirada do estímulo aversivo e mais tarde reforçado socialmente por Ângela. Nas situações anteriores em que a agressão era voltada para a parceira, segundo Street, Ângela correspondia aos olhares e flertes dos rapazes.

Sobre seu relacionamento com Ângela nessa época, Doca descreve:

O que eu sentia por Ângela era uma coisa pesada, como um vício. Mas, longe dela, sentia falta do seu corpo, do seu cheiro, do seu jeito de ser e de pensar. (Street, 2006, p.109)

Doca estava cada vez mais sensível ao reforço provindo de Ângela, o que torna cada vez mais valioso e aumenta os comportamentos que diminuem a possibilidade de perda, uma vez que estes comportamentos com características de ciúme são altamente reforçados na relação.

Durante uma conversa com Ângela, Doca se abriu sobre sua família e ela fez o mesmo, contou que Ibrahim estava longe de ser um relacionamento definitivo e que não o amava. Dizia estar apaixonada pela primeira vez e queria viver com Street, mesmo sabendo sobre as dificuldades do relacionamento. Diante das declarações, Doca ficou confuso sobre como seguir a relação dividido entre Ângela e sua família.

A relação do casal continuava, saíam junto algumas vezes com amigos, e encontravam-se com frequência em festas, trocavam carícias, usavam drogas e bebiam juntos.

Quando estava com Ângela, achava que, custasse o que custasse, queria viver com ela. Quando ela ia embora e eu passava mais tempo com a minha família, tinha certeza de que a minha casa era o meu lugar. Sentia isso mais forte quando desconfiava que Ângela aprontava quando não estávamos juntos. (Street, 2006, p.111)

Numa noite, jantando na casa de amigos, resolvi telefonar para Ângela, que tinha chegado no fim da tarde à casa de Joana. Ouvi uma música alta, sinal de que Joana tinha convidados. Apesar das palavras carinhosas, fiquei perturbado. Perturbação que aumentou quando, na volta do jantar, de madrugada, passei em frente ao apartamento de Joana e vi que as luzes estavam acesas. Tive vontade de parar o carro, ir até lá e acabar com a festa. Nessas ocasiões, corroído pelo ciúme, planejava ir levando a vida daquele jeito mesmo, pelo menos até dezembro. (Street, 2006, p.111)

O ciúme é manifesto pela busca de fatos que comprovem as crenças de infidelidade criadas por Doca. Perturbado pela possibilidade de traição, Doca vai ao encontro de Ângela, porém tem autocontrole, desta vez percebe a possibilidade de agir com agressividade e opta por ir embora. Neste caso não há dados que revelem o motivo para a atitude nem as conseqüências de sua

escolha, porém percebe-se que não houve brigas, o que manteve o bom relacionamento entre o casal.

Alguns dias depois, durante uma viagem, Ângela mencionou que precisaria retornar para experimentar o vestido que havia encomendado, caso contrário o vestido não ficaria pronto a tempo para a festa. Doca ficou aborrecido, pois pediu que fosse no dia seguinte, de forma a poderem passar mais tempo juntos, Ângela negou o pedido.

Fiquei tão aborrecido com a atitude dela. Saí e fui para o escritório, sem esperá-la. Não sei exatamente o que se passou na minha cabeça, talvez ciúme, ou talvez por ambos estarmos muito loucos, estivéssemos mais sensíveis. (Street, 2006, p.114)

Neste momento em que não há a presença de algum rapaz, Street mantém autocontrole, ou seja, para diminuir as chances de apresentar algum comportamento que envolvesse ciúme, prefere deixar a situação. Pode-se pensar que em situações em que não envolvem a possibilidade de perda de Ângela para terceiros os comportamentos de autocontrole aumentem de frequência, porém não são reforçados.

Durante a festa, o casal se encontrava diversas vezes escondido. Doca observava que os rapazes olhavam Ângela com desejo, porém achava que tinham razão.

Nos dias que seguiram, Doca menciona que brigavam com frequência e que sentia muito ciúme de Ângela, ela estava hospedada na casa de uma amiga dele, Joana, que realizava festas constantemente em sua casa. Durante uma de suas discussões Ângela voltou para o Rio, porém no dia seguinte retornou para vê-lo.

Não era só por causa do ciúme que brigávamos. Quando ela cismava que eu tinha feito amor com minha mulher, era um inferno. Um dia, levando-a de volta para a casa de Joana, ela disse mais uma vez que tinha de me decidir. Que a vida que levávamos era muito sacrificada, que

tínhamos que parar com a ponte aérea. (Street, 2006, p.145)

Após uma discussão não relatada no livro em detalhes, o casal rompeu por 15 dias, nesta época Doca conta que nesta época, bebia muito e pensava nos negócios e na família, jogava cartas e andava à cavalo enquanto sentia saudade de Ângela. Alguns dias depois, Ângela ligou para Doca e marcaram um encontro, em clima de romance, passaram o dia juntos.

Finalmente, Doca decide morar com Ângela, Joana amiga de Doca, deu a notícia à Ibrahim, que furioso, recomendou ao o casal que tivessem cuidado.

Durante um jantar, o casal conheceu uma garota de programa, esta passou a noite com ele em um motel. Segundo Doca, Ângela não tinha interesse pela moça, apenas queria atíçar o parceiro e a garota de programa. Durante uma conversa entre eles, Street descreve:

- Você só está fazendo esse programa porque gosta muito da sua mulher e faz tudo o que ela quer.

Ângela que estava na piscina e escutou, veio ao meu encontro, me abraçou e beijou muito.

- Eu também adoro ele, e essas coisas não passam de brincadeira. (Street, 2006, p.188)

No dia seguinte, Ângela embriagada, disse para Doca que queria sair nua em direção à praia. Street tentou convencê-la a não ir com beijos e abraços, levando-a de volta para a cama.

Este trecho mostra o controle que Doca começa a exercer com mais intensidade sobre Ângela, limitando as saídas que pudessem despertar atenção de outros homens, com a quase nudez da namorada.

Mais tarde, o casal viajava em direção à Búzios, quando Ângela começou a falar sobre uma viagem de navio que tinha feito com um conhecido de Doca.

Disse que, além de rico, bonito e influente, ele era bom de cama. Mas, quando chegaram à Europa, ela se encheu dele e voltou. Ouvi aquilo sem abrir a boca. Já conhecia a história, contada pela outra parte. Não entrei no mérito da questão, se era verdade ou não. Mas fiquei muito bravo. Parei o carro, tirei-a de dentro, arrastei-a até a frente do farol e então pedi que me poupasse, que não me contasse seus casos anteriores. Antes de retornar para dentro do carro, segurei os ombros dela com firmeza e perguntei se ela havia entendido. Ela me abraçou e sussurrou que me amava. Entrou no carro, abriu a bolsa, pegou o papel-manteiga com o que restava de pó e ameaçou jogar fora. – Não quero mais isso, só serve para atrapalhar. (Street, 2006, p.189)

Doca impediu que Ângela jogasse a droga fora, e continuaram a viagem de mãos dadas sem se falar, passado algum tempo Ângela o beijou.

Sob efeito de drogas, Doca reage agressivamente diante do relato de Ângela sobre o ex-namorado, reforçado mais uma vez com afeto. A frequência das respostas de agressão vindas de Street aumenta cada vez mais e tem maior intensidade. Geralmente, iniciadas a partir da presença ou do relato do envolvimento de Ângela com algum rapaz.

Alguns dias depois, Doca sentia-se mau, tinha arrepios. Havia marcado de encontrar alguns amigos com Ângela, e pediu a ela que ficassem em casa, enquanto melhorava. Ângela surpreendeu Doca, ao dizer que ficasse descansando enquanto ia com os amigos no encontro, pois não estava com vontade de ficar em casa. Diante disso, Doca tomou banho, se arrumou e foi acompanhar a namorada. Durante o jantar, sentiu-se mau, porém bebeu mais e usou drogas.

Aqui nota-se que Doca evitava as saídas de Ângela sem sua presença, possivelmente devido ao histórico anterior do relacionamento. Se diante do

relato ou da presença de algum rapaz, Doca manifestava ciúme, provavelmente com sua ausência pensar em Ângela com outros rapazes também favoreceriam o aparecimento destes comportamentos.

No dia seguinte, Ângela preparou um café da manhã para Doca, e serviu-lhe ainda na cama.

Mais uma vez, a namorada de Doca reforça seu comportamento ciumento. Neste caso na noite anterior Street acompanhou Ângela possivelmente para evitar uma possível punição futura ou a perda de reforçadores.

Enquanto se recuperava do resfriado, em um almoço, Ângela cumprimentou um casal e cochichou no ouvido de Doca que havia sido amante do rapaz.

Começou a falar que era riquíssimo, mas foi interrompida por mim, que segurei forte em seu pulso e pedi que parasse. Antes que começássemos uma discussão, o casal levantou e veio falar conosco; só disseram alô e partiram. Para esquecermos de vez aquele incidente, dei-lhe um beijo e comprei a rosa que um menino oferecia. (Street, 2006, p.210)

Novamente, repetindo o padrão de comportamento anterior do casal, ouvir Ângela falar de outros homens era estímulo discriminativo para comportamentos de ciúme, nota-se que é punitivo para Doca ouvir sua namorada falar de outros homens, o que faz com que para romper com a punição Doca aperte o pulso e pede que pare de falar. Ao final da cadeia, nota-se que Ângela foi reforçada por falar de outros homens, quando após a punição recebe um reforço positivo, os carinhos do namorado. Assim como Doca, também é reforçado por sua agressividade recebendo beijos da amada.

Nesta época, Doca e Adelita oficializaram a separação. Street dizia sentir-se ameaçado durante o romance, o trecho a seguir aponta pensamentos da época.

Nós já estávamos vivendo juntos há quase um mês. De uma certa forma eu não tinha nada de que reclamar, estávamos sempre juntos e eu adorava sua companhia, seu corpo, suas loucuras. Mas não me sentia completamente feliz, não sentia uma entrega total da nossa parte. Não sentia firmeza. Tinha a impressão de que podia acontecer algo de uma hora para outra. Não era pelas discussões que tínhamos, quem vivia grudado como nos quebrava o pau de vez em quando. Alguma coisa me incomodava. E o que me deixava mais apreensivo é que eu achava que ela sentia a mesma coisa. (Street, 2006, p.210)

Alguns dias depois, ao voltar para casa, Doca encontrou Ângela no corredor da casa, vestida com um baby-doll transparente.

Fiquei louco da vida. A casa tinha muitos empregados e ela com aqueles trajes tão impróprios, zanzando de um quarto para o outro. Chamei-a de volta ao corredor, acompanhei-a até o quarto em que estávamos e pedi que se vestisse. Ela me olhou com ódio, disse um monte de palavrões e desaforos. Não tive dúvidas, tranquei a porta do quarto, arrastei-a até o armário e exigi que se trocasse e pedisse desculpas. O rosto dela estava desfigurado pelo ódio. Olhou em volta para ver se tinha algo que pudesse usar para me atacar, mas desistiu. Dizia que não era dono dela, que se vestia como achasse melhor, que eu era um chato e queria mandar nela. Achei que ela ia se descontrolar de vez. Segurei-a, obriguei que se deitasse e pedi que se acalmasse, pois não estávamos em nossa

casa. Pedi que não continuasse brigando comigo porque a amava. Ela parou de esbravejar, mas seu olhar continuou furioso. Fui soltando-a aos poucos e, quando tive certeza de que ela não ia continuar se debatendo, deixei-a deitada e me afastei, saindo do quarto em seguida. (Street, 2006, p.212-213)

Em seguida, Doca foi à sala e encontrou seu amigo, tomaram drinques, e enquanto conversavam Ângela apareceu e sentou-se ao seu lado. Doca ficou surpreso, pois ela falou que como até aquela data não haviam tido uma lua-de-mel, enquanto os amigos conversavam, ela fez reservas em um hotel em Manaus para dali a dois dias. A situação manteve-se tranqüila, jantaram juntos, e Doca elogiava a beleza da namorada. Mais tarde no quarto Street olhou nos olhos de Ângela e disse do amor que sentia por ela, do ciúme e do sofrimento que ela lhe causava, ao andar quase nua pela casa do amigo e pedia que pelo amor deles, ela mudasse sua atitude. Ângela retribuiu o gesto, dizendo que o amava e que queria o mesmo que ele, que levava uma vida sem amarras e sem sentido e queria ser feliz, disse que se ele quisesse, ela pararia de beber. O casal passou a noite juntos na cama.

Ver Ângela com roupas transparentes e provocantes em local que outros pudessem ver, também é estímulo para comportamentos de agressividade. Desencadeada a punição para Ângela, desta vez, esta pune Doca por seus comportamentos manifestos de agressividade e controle, que exigiam que ela se comportasse da forma como ele queria, visto que antes ela podia vestir-se como quisesse e antes era reforçada pela atenção e carinho de Doca. A punição para Ângela é rompida quando Doca diz que a ama, e Doca é reforçado mais uma vez por seu comportamento agressivo. A autoridade de Doca é reforçada socialmente, o que neste episódio faz com que apesar das tentativas de Ângela o comportamento de Doca tem maior valor para mudança no ambiente.

Em uma tarde, o casal bebia alcoólicos, e nadavam nus na piscina do hotel que estava praticamente vazio.

Abraçados, como nos encontrávamos, me surpreendeu vê-la sair da piscina dizendo que ia fazer pipi. Andou até o biquíni, vestiu-o e entrou no toalete. Quando voltou para água, rindo e brincando, veio me abraçar. Eu não tinha achado graça no passeio nu e perguntei porque tinha ido nua andando se podia ter nadado até o traje de banho. – Pára de implicar comigo, não tem ninguém aqui. Ela sabia que havia algumas pessoas e o garçom estava chegando com mais bebidas. Não levei a discussão adiante, e passamos o resto da tarde e da noite bem. Essa viagem foi esquisita. O ambiente ficou pesado quase o tempo todo. (Street, 2006, p.215)

Diante da possibilidade de uma punição social, por estarem em local público, possivelmente Doca tenha controlado comportamentos de agressividade e ciúme neste momento, pois no decorrer de seu relato, nas situações em que as agressões e discussões ocorriam o casal estava sozinho.

No dia seguinte, Ângela se preparava para almoçar e tomar banho de piscina na casa de um ex-namorado, ela vestia um biquíni. Doca não gostou da idéia de ela ter aceitado o convite sem ter avisado, evitou uma discussão colocando apenas seu ponto de vista, porém Ângela não o deixou falar, e disse que ele iria gostar dele, e que o casal sempre falava dos ex's.

Muitas vezes discutíamos e ficávamos zangados, nessas ocasiões sempre prestava atenção em seus olhos, e por mais alterada que ela estivesse nunca percebi ódio. Via sarcasmo, deboche, mas nunca rancor. Isso me tranqüilizava, pois depois de algum tempo esquecíamos tudo. (Street, 2006, p.257)

O casal estava em clima de romance, e contavam um ao outro o que queriam fazer, Doca dizia que queria passar a noite com Ângela e a desejava. Segundo ele, neste momento Ângela disse para Doca que iriam fazer amor com uma amiga dela. Por mais que achasse excitante, Doca preocupava-se que as pessoas do círculo de amizade ficassem sabendo, e que fazia isso

porque amava Ângela. Porém, pensava que se queriam construir uma vida juntos aquilo seria um fator agravante. Durante a relação, Ângela ficou apenas observando o casal.

No dia seguinte, em Búzios Doca mostrava a casa aos empregados.

Aí quase que a tarde foi estragada. Ângela resolveu zanzar quase nua pela casa para dar ordens às empregadas, enquanto eu mostrava o banheiro e os quartos aos peões. Tive de parar tudo e pedir que pusesse um biquíni, pois ela estava apenas com a parte de cima do baby-doll. Fiquei tão puto, que ela obedeceu sem criar problemas. (Street, 2006, p.259)

Mais uma vez a quase nudez de Ângela em público incomodava Doca, nesta situação não houve agressão física, porém Street deu uma ordem para que a namorada saísse do local, reforçada por Ângela que acatou o pedido.

Nos dias que se passaram, Doca menciona que Ângela implicava com ele quando estava alcoolizada. Em uma tarde na casa dos colegas, Ângela ficou boa parte do tempo trancada no quarto com uma amiga, após o almoço o casal foi descansar em um dos quartos, e Doca teve um diálogo com a namorada.

(...) perguntei se não achava que tinha me deixado muito tempo sozinho, enquanto ficava trancada com a amiga. A reação de Ângela foi violenta.

- você é um chato, chama minha atenção o tempo todo. Fico trancada com quem quiser. O que você queria, se enfiar na cama com a gente? Só estávamos conversando. (Street, 2006, p.262)

Ângela descreve a contingência para Doca que a incomoda, o comportamento de ciúme de Doca começa a afetar o relacionamento do casal.

Ângela pediu que Doca ficasse no quarto com ela, porém ele foi para piscina. Ao voltar ao quarto mais tarde, encontrou sua namorada dormindo e

mencionou que se tivesse acordada teria lhe dado um beijo para ficar tudo bem novamente.

Os amigos de Doca notavam as brigas e desentendimentos constantes do casal, Chiquito, amigo de Doca, ofereceu sua casa para que ele passasse algum tempo. Street reconhecia as dificuldades do relacionamento, e dizia não conseguir imaginar sua vida sem Ângela, logo após a conversa com o amigo, foi para o quarto e fez as pazes com a namorada, trocaram carinhos. O casal se trancou no quarto, e lá permaneceram em lua-de-mel por 36 horas, segundo ele os empregados da casa já haviam se acostumado com a situação e não os perturbavam.

Dias depois viajaram até a Praia dos Ossos em Búzios para averiguar o andamento da obra da casa. Com a praia deserta, o casal tomava banho nu no mar, e bebiam vodca. Em um momento Ângela saía do mar com o biquíni na mão.

Tive que interferir, pois íamos viver lá, e por mais vazia que a praia estivesse, não dava para dar bandeira, pois havia os habitantes. Ela ria de minha preocupação. (Street, 2006 p.264)

Doca comenta no relato, que Ângela ficava ótima quando não bebia e não usava drogas.

Em uma tarde, Ângela ia ao dentista e brincou com o ciúme de Doca que o doutor era bonito, mas que era apenas o dentista que não precisava se preocupar. Street dizia não estar incomodado, porém acompanhou a namorada à consulta.

Para provar que não era ciúme, fiquei aguardando na sala de espera enquanto ela era atendida. Podia até estar provando isso, mas a verdade é que sentia ciúme mesmo. Aliás, esse era um sentimento mútuo. (Street, 2006 p.265)

O ciúme de Doca começa a se manifestar em outras situações, ocorre a generalização, qualquer lugar que sinalize a presença de outro homem que

ameace seu relacionamento é sinal para comportamentos como acompanhar Ângela.

Em uma tarde, o casal foi visitar uma amiga de Ângela, ambas se trancaram no quarto por cerca de 2 horas enquanto provavam vestidos e conversavam, deixando na sala o marido e Doca conversando. Street pediu ao anfitrião que chamasse as duas, dado o longo tempo que estavam no quarto, a contragosto o homem foi chamá-las e voltou com a notícia de que ainda estavam experimentando roupas.

Eu fiquei muito puto, não fiz nenhuma cena nem má-criação, porque aquele senhor era um cavalheiro. Mas minha postura mudou, não conseguia mais conversar. Enfiei a cara na revista que estava numa cesta de metal e esperei. Apareceram exatamente na hora em que eu tinha decidido ir embora. Chegaram ótimas, alegres, foram ao bar e fizeram uma bebida, depois sentaram-se conosco. Não manifestei alegria ou desagrado, mas não abri a boca, fiquei só ouvindo. Com o tempo meu silêncio chamou atenção, e Ângela, que estava do meu lado e já me conhecia, alegou que era tarde e íamos embora.

A amiga veio sentar-se ao meu lado e insistiu para comermos uma pizza. Concordei e fomos a pé até a pizzaria. Comi uma de mussarela, tomei um bom vinho e não tomei conhecimento dos três nem do que diziam. O ambiente ficou constrangedor e, logo após o senhor pagar a conta, estendi a mão aos dois me despedindo e entrei no carro. Ângela ainda ficou por alguns minutos dando beijinhos e agradecendo. Mas, ao entrar no carro, mesmo antes de a porta bater, ela descarregou toda sua raiva. Disse que eu era um desmancha-prazeres, que tinha estragado tudo e não sabia por que estava comigo. Seguramente não era por causa de cama, ela tinha tido namorados muito melhores, que não desfaziam dos amigos dela. Estacionei o carro a menos de dez metros do

prédio onde vivíamos, segurei-a com força, obrigando-a a me olhar...

- Deixei minha família, meus negócios e meus amigos, e daqui a alguns dias vou conhecer sua família. Não estou no meu ambiente, estou no seu. Você está começando a me maltratar, não entendo por quê, pois espero muito de nossa relação.

Talvez tenha falado mais, acho que sim. Na verdade estava arrasado triste, sem saber o que fazer. Finalmente a soltei, mas antes, olhando seus olhos, disse que a amava. Ela ficou por alguns minutos de cabeça baixa e sem mudar de posição, contou que quiseram me chamar para ficar com elas, mas acharam que o marido da amiga ia estranhar. Continuei dizendo que a amava e sentia ciúme, e não suportava saber que ela preferia as amigas. Ela riu, disse que eu era bobo, que não tinha nada disso, que gostava de mim, que naquela tarde as coisas não tinham saído como ela tinha imaginado. Lembro perfeitamente o que respondi.

- Amo você, não podemos passar a vida assim.

Subimos sem nos olhar. Tinha a impressão de que tudo o que tinha dito não fazia muito sentido para ela.

Hoje em dia chego à conclusão de que me apaixonei por uma pessoa anos-luz à minha frente, ela era uma mulher do mundo, e eu, um provinciano. Acho que era sincera, só que me avaliou mal. Naquela noite aconteceu o que vinha acontecendo sempre, fomos para o chuveiro, e lá sempre fazíamos as pazes. (Street, 2006, p.266-267)

Doca descreve o ciúme e o que faz com que responda de forma agressiva, sua dificuldade em manter o controle é maior em situações em que há possibilidade de punição social. Novamente o padrão se repete e a autoridade, controle e agressividade de Doca são reforçados por Ângela que conseqüência os comportamentos aversivos com afeto, de algum modo a atenção e o ciúme manifesto por Doca são reforçadores para Ângela, pois a

freqüência de falar sobre outros rapazes se mantém, porém também aumenta de freqüência as situações em que Ângela quer estar sozinha com as amigas.

Dias depois, o casal foi visitar uma conhecida em sua casa, lá chegando Ângela disse que ia retocar a maquiagem, enquanto aguardava Doca bebeu champagne e esgotou seu estoque de pó olhando a vista, Ângela só apareceu 2 horas depois.

Estava louco, e louco de raiva também. Quando elas apareceram, como se nada tivesse acontecido, me comportei bem, mas quando entramos no elevador empurrei Ângela, que caiu de joelhos. Só aí percebi seu estado, apesar da pouca luz do antigo elevador. Ela estava embriagada, com aquela cara toda desmanchada que me horrorizava. O elevador estava parado, estava tão descontrolado que esqueci de apertar o botão do térreo. Seu cabelo estava em ordem e sua roupa também. Lançou-me um olhar de escárnio e um sorriso desafiador. Tentou se levantar, mas empurrei-a de volta ao chão. No térreo arrastei-a para fora do elevador até a enorme porta de ferro. O porteiro abriu e olhou assustado, levantei-a pelas axilas e a carreguei até o carro. Ela ficou quieta, não reagiu rindo nem nada. Abri a portas e a enfiei lá dentro, ela me olhava não sei se com rancor ou assustada. Quando entrei, esmurrei o pára-brisa de raiva, chorava pois queria tê-la esmurrado. Todo o controle que mantive, enquanto estive no apartamento, sumiu. Nem sei como consegui chegar em casa, com os pensamentos embaralhados como estavam.

A paixão por ela, minha ex-mulher, meus filhos, Chiquito dizendo "vem morar aqui", minha mãe, tudo rodava. Percebi que minha mão sangrava e Ângela a beijava e dizia qualquer coisa como "tenho uma explicação". Levei-a para nosso quarto, coloquei-a na cama e fiquei quieto no meu canto. Como não conseguia pôr a cabeça no lugar, levantei-me, enchi um copo com uísque e tomei. Tinha de

pôr meus nervos em ordem para dormir e ver como seria a vida. (Street, 2006 p.268-269)

No dia seguinte, Doca acordou sozinho na cama, realizou uma ligação e logo Ângela apareceu no quarto vestida apenas com baby-doll e com os joelhos ralados, sentou-se ao lado de Doca e deu-lhe um beijo. Doca conta que teve a impressão de que ela não se lembrava de tudo o que havia acontecido na noite anterior. Doca resolveu abrir-se para sua amada e falar sobre seus sentimentos.

- se eu tivesse com nossa Polaroid na madrugada passada e a fotografasse no elevador, você ficaria triste de ver seu estado lamentável. Quando exagera na bebida, me deixa horas sozinho em lugares estranhos para mim. Sei que não combinamos levar uma vida careta nem ficar grudados um no outro. Se quiser ficar sozinha com suas amigas pelo menos me avisa. Estou assustado com o rumo que as coisas estão tomando.

Ela ficou parada me olhando muito séria, e me disse que tinha em relação a nós os mesmos planos que eu: morar em Búzios, ficarmos grudados um no outro, sim, e que eu procurasse compreendê-la e tivesse mais paciência com ela. (Street, 2006, p.269-270)

Nesta época, boatos entre os amigos de que o caso entre Doca e Ângela estaria chegando ao fim circulava. Nos dias que seguiram, mais uma vez o casal discutiu devido à bebida, em uma situação Doca provocou Ângela pedindo que se olhasse no espelho quando estava embriagada.

Na verdade não me aborrecia que bebesse, eu também bebia, mas quem ama não desrespeita o parceiro sumindo e falando coisas que machucam. Batemos boca e ela deve ter notado que alguma coisa mudaram em mim, porque me abraçou muito e disse que estávamos cansados. - Estamos tão ansiosos para curtir, desde que saímos de

São Paulo, que ainda não tivemos tempo de fato para nós.
(Street, 2006, p.271)

No dia seguinte, o casal combinou de encontrar amigos para um almoço, segundo Doca, Ângela colocou um vestido superprovocante, tinha uma abertura até a cintura e usava uma calcinha minúscula e transparente. Pediu que mudasse de roupa porque aquela o incomodava, o casal começou a brigar mais uma vez e foram interrompidos pela chegada das visitas, mais tarde, durante outra discussão Doca percebeu que Ângela havia trocado de vestido conforme o pedido.

As roupas provocantes despertam o ciúme em Doca, talvez devido ao histórico anterior e pelo fato de Ângela despertar o interesse de outros homens aumente a rivalidade e a crença da possibilidade de perder a amada, o que faz com que Street use de sua autoridade reforçada socialmente pela cultura, para controlar o comportamento de Ângela e ainda assim é reforçado pela amada.

Após um tempo com os convidados, Doca reparou a ausência de Ângela que estava trancada no quarto com uma amiga, bebendo vodca.

- Vocês vão ficar aí? – Recebi de volta uma enxurrada de desaforos. Revidei e falamos coisas horrorosas um para o outro. Não sei em que tom foi isso, talvez o pessoal da sala tenha ouvido, se é que a amiga foi para lá. Acho que saiu quando começamos a discutir. As acusações continuavam de ambas as partes. Inesperadamente ela falou: “Para com isso” e tentou me dar um tapa, que passou rente e arranhou meu pescoço. Em seguida me deu outro, que pegou em cheio. Devolvi com um tapa perto da frente. Ela ficou meio zonza e saiu. Foi para o quanto em frente e se trancou. Mas antes abriu minha gaveta e pegou qualquer coisa. (Street, 2006, p.272)

Ângela tinha escondido os documentos e a chave do carro de Doca, ele havia arrumado uma mala com algumas roupas e ia sair de casa, notando a falta dos objetos começou a esmurrar a porta do banheiro pedindo a chave do carro. Ângela destrancou a porta, Doca ia saindo com os pertences quando ela segurou-o pelo cinto e disse.

- Que loucura é essa, a gente se ama!

Palavras mágicas, ainda dei um passo para a frente para continuar, mas era só encenação. No segundo puxão, já estávamos nos abraçando. Foi me puxando assim até o quarto. Me deu um beijo carinhoso, passou a mão no local e mostrou que sua fronte estava um pouco roxa. Beije ali e pedi desculpas, ia mostrar o arranhão em meu pescoço, mas só passei a mão. Ela me olhou e riu:

- Rá! Machucadura de amor é gostoso. (Street, 2006 p. 272-273)

Ângela comporta-se como o modelo, tenta bater em Doca, porém é mais fraca e a autoridade de Doca tem maior valor para promover mudanças no ambiente. A agressividade de Doca desta vez tem maior intensidade e tempo de duração e mais uma vez é altamente reforçada pela troca de carinhos contingente à agressão mútua. Neste momento, o comportamento agressivo de Ângela também é reforçado o que pode acontecer de ocorrer com mais freqüência.

No dia seguinte, o casal viajou para sua casa em Búzios que estava em reforma. Enquanto Doca estava no quarto colocando as coisas no lugar, percebeu Ângela exaltada reclamando com os pedreiros sobre as janelas e o chuveiro.

Fui até lá e vi que estava só com a parte de baixo do biquíni e uma blusa completamente transparente e aberta por estar mal abotoada. Interrompi a discussão:

- Vá colocar a parte de cima do biquíni que trato disso.

Ela parou o que estava falando, me olhou brava e saiu em direção ao quarto. Se ela saiu brava, eu estava puto com aquele espetáculo. (Street, 2006, p.274)

Mais uma vez a quase nudez de Ângela incomodou Doca, que ordenou que a namorada trocasse de roupa, ao obedecer mais uma vez Ângela reforça o comportamento "dominador" de Street.

Mais tarde, o casal foi para praia, e Doca fez questão de sentar-se longe de um rapaz que havia sido ex-namorado de Ângela. Em outro momento, quando foi buscar bebida encontrou Ângela conversando com um rapaz na piscina, Street pegou a pela mão e ela disse que voltaria para o Ibrahim, pois ele não fazia cenas como ele. Doca tentou manter-se calmo, para evitar mais uma discussão, segundo ele nos últimos 10 dias que antecederam o casal brigou constantemente. Ao chegar em casa, ele avisou que iria para o Rio de Janeiro sozinho, descansar e colocar as idéias em ordem, disse estar cansado das brigas. Ângela impediu o amado, dizendo que o lugar dele era ao seu lado, e não era por qualquer briga que ele iria embora, o casal riu da situação e fizeram as pazes.

O casal mantém o padrão de relacionamento, diante do rapaz que conversava com Ângela, dessa vez Doca novamente controla seu comportamento agressivo, possivelmente por estar em público e evitar punição de Ângela. Não se tem acesso aos encobertos, porém possivelmente pensamentos associados ao da classe de ciúme estariam ocorrendo, e foram reforçados pela atenção de Ângela. Doca mostra-se confuso com a relação e sabe descrever as contingências que o levam aos comportamentos prejudiciais e patológicos na relação.

Mais tarde, o casal foi à praia, Ângela embriagada conheceu uma alemã que vendia tabuleiros para gamão e queria convidá-la para passar a tarde com o casal, Doca foi contra, pois disse que passariam vergonha, pois havia muitos conhecidos na praia. Após um tombo de Ângela, Doca levou a amada até sua casa. No caminho, Street relata que Ângela o xingava, em casa começou a atirar objetos, quebrou a janela de vidro e deu-lhe um tapa no

rosto. Dessa vez, Street não revidou e tentou acalmá-la abraçando-a até que dormisse. Sobre seus pensamentos na época Doca escreve.

Se vivia atormentado por não estarmos sempre juntos, agora acontecia o contrário. Tirando os momentos em que estávamos a sós nos curtindo, a vida estava insuportável. Me sentia derrotado. Como iríamos consertar aquilo tudo? (Street, 2006, p.279)

- Arrume suas coisas e vá embora, não agüento mais ver sua cara, não sou sua propriedade.

Falei que não queria ir embora, que tinha deixado muita coisa para trás e feito muitos planos.

- Tomar uma decisão assim de cabeça quente é bobagem. Ia continuar, mas ela interrompeu.

- Vá embora, um dia a gente se encontra e conversa. Não se preocupe com seu dinheiro, é só sacar de nossa conta. (Street, 2006, p. 279-280)

Transtornado, Doca começou a fazer as malas, e diz ter demorado pensando que ela o impediria de partir como no dia anterior, enquanto isso Ângela o insultava. Ao ir para o carro, tentou abraçá-la e ela não deixou, disse que a amava e que esta decisão não seria boa para ambos. Segundo o relato, Ângela não esboçou nenhuma reação, Doca engatou a marcha, porém voltou para a casa para tentar falar com a amada novamente e convencê-la de que deveriam ficar juntos. Encontrou-a no banheiro.

Olhou-me e não disse nada, eu me encaminhei em sua direção e pedi "vamos fazer as pazes". Ela se levantou e foi para o banheiro. Entrei com ela e tentei abraçá-la, mas me rejeitou e voltou a se sentar no mesmo lugar. Fui para junto dela, pus minha pasta ao lado e me ajoelhei em sua frente. Segurei suas mãos e pedi que reconsiderasse, nos amávamos, tínhamos que ficar juntos. "Me abrace, pelo

amor de Deus, eu amo você!” ela me olhou, mas seus olhos não diziam nada.

- Se quiser me dividir com homens e mulheres... – e aí ficou exaltada. – Pode ficar, seu corno! – E bateu a pasta com toda a força em meu rosto.

Apesar da surpresa, por puro reflexo, virei um pouco o rosto. Fui atingido, mas a pasta escapou de sua mão e foi parar na porta do banheiro.

Levantei-me e fui apanhá-la, a pasta estava aberta e minha arma estava no chão. Segurei-a firme e puxei a parte de cima, assustei-me ao ver a cápsula ser remetida para fora, sinal de que esteve sempre pronta para ser acionada. Quando virei, xingando-a, já estava atirando. Disparei várias vezes de maneira mecânica. Não lembro de ouvir os tiros, estava louco, transtornado.

Olhei assustado para a arma e deixei-a cair aos meus pés, olhando pela última vez Ângela, que desabara ao receber os tiros. (Street, 2006, p.280)

Era 6 da tarde do dia 30 de dezembro de 1976, Ângela Diniz, recebeu quatro tiros disparados por seu namorado, Raul Fernandes do Amaral Street.

Neste momento, percebemos o aumento da intensidade no comportamento de agressividade de Doca. Com a perda da namorada, a maior fonte de reforçador que Doca tinha no momento, inicia-se um processo de extinção, em que não mais é apresentado um reforçador contingente à resposta, Doca tenta abraçar Ângela várias vezes e não recebe atenção de volta. Quando este processo se inicia é esperado que a frequência da resposta aumente para depois começar lentamente a cair, porém está sujeita a diversas manifestações emocionais enquanto o processo não é concluído. Outro processo envolvido é novamente e com ainda maior intensidade é a punição. Quando existe um agente punidor, ele mesmo que antes aplicava a punição acaba por tornar-se a própria punição aos olhos do outro.

Com o intuito de retirar o estímulo aversivo que lhe causa dor, no caso o rompimento e a indiferença de Ângela. Surge então um efeito colateral da

situação de punição, Doca termina a situação aversiva disparando tiros em sua amada. Pode se levantar a hipótese de que a emoção tenha contribuído em meio à situação favorecendo a resposta de matar, como uma rota de fuga, porém de forma alguma pode ser considerada como motivo para o crime, uma vez que se deve levar em conta também a história dos comportamentos aprendidos, neste caso o ciúme reforçado mutuamente pelos parceiros como visto no decorrer do relacionamento e a cultura da época, sendo o final dos anos 1970 uma época que favorecia o direito do homem em relação à mulher judicialmente e culturalmente.

Capítulo 3 - Considerações Finais

Observa-se no decorrer do relato de Street um padrão de comportamentos de agressividade que apesar de aumentar de intensidade ao longo do relacionamento, não alteravam em sua função de eliminação do estímulo aversivo que para Doca era a possibilidade da perda de Ângela, sua fonte de reforçadores mais valiosa. Os comportamentos de agressividade sempre eram reforçados com sexo e atenção por parte da namorada.

O casal se relacionava há menos de três meses, vivendo uma paixão torrencial. Doca havia deixado seus negócios e sua família para trás, e ido viver o relacionamento com Ângela, tentando inserir-se no círculo de amizades da amada e vivendo apenas um para o outro. Ângela representava cada vez mais a única fonte de reforço de Doca, que pouco buscava outras formas além das drogas para distrair-se. Parecia cobrar da amada a mesma dedicação que ele tinha para com ela, porém Ângela ainda estava em seu próprio círculo e levava a vida da forma que sempre foi em meio a festas e amigos. O isolamento do casal de suas famílias e trabalho pode ter favorecido o valor do reforço que um significava para o outro, o que dificultava para Ângela que Doca aceitasse momentos em que ela ficasse sem sua presença.

A cultura da época apoiava a autoridade masculina sobre a parceira, o machismo e a honra do homem que deveriam ser preservados. Assim, Doca encontrava na sociedade mais uma fonte de reforço para seu comportamento de agressividade e dominação durante o relacionamento.

Para a Análise do Comportamento, o ciúme não pode ser considerado como a causa de comportamentos de agressividade, pois é um sentimento que emerge da situação, assim, também é um comportamento. Pode envolver emissão de respostas que visam evitar a perda de um estímulo reforçador ou envolver conseqüências punitivas para os envolvidos na situação em que há a presença de ciúme.

Buscou-se com este estudo, reconhecer as relações funcionais entre os comportamentos de Street e suas conseqüências no decorrer do relacionamento. Assim como qualquer outro comportamento, com as manifestações de ciúme pode-se reconhecer as variáveis que controlam sua ocorrência.

As respostas agressivas de Doca, como visto na análise anterior, é na maior parte das vezes voltada para a Ângela, e não para um possível rival quando no caso, algum ex-namorado ou outro homem que a observasse na presença de Doca, o que vai de acordo com Eluf (2003) que apontou que a agressividade costuma ser direcionada ao parceiro(a).

Street agia sob constante influência de drogas e álcool, sendo que o uso destas substâncias favoreceria manifestações de comportamentos de ciúme como aponta Leite (2001).

O crime aparece com o aumento da intensidade dos comportamentos de agressividade, uma vez que Ângela não correspondia à expectativa de Doca, ou seja, era menos suscetível ao controle. Inicialmente, observa-se no relato que Street controlava seu próprio comportamento manifesto e mantinha apenas os encobertos referentes ao possível envolvimento de Ângela com outros rapazes. No decorrer do relacionamento iniciaram discussões verbais sobre os comportamentos de Ângela que incomodavam Doca, sempre reforçados por carinhos e demonstrações afetivas por parte da namorada, que aumentariam a frequência deste comportamento em Street. Mais tarde, as discussões deram lugar a agressões físicas cada vez mais frequentes e violentas, mesmo na presença de terceiros, entre elas: sacudir, empurrar, prender, bater e por fim matar.

O crime não acontece por que Doca tinha ciúme de Ângela, até por que as manifestações deste comportamento eram reforçadoras para Ângela, mas possivelmente pela perda de sua amada, sua maior fonte de reforçadores, e um aumento intenso da punição, ficar sem Ângela.

Este trabalho realizou-se, portanto como um exercício de reflexão para o tema do ciúme romântico, a partir do referencial teórico da Análise do Comportamento. Alguns problemas foram encontrados para validação da análise, no que se refere à ausência da situação real no momento em que ocorre o que pode alterar o dado coletado, falta dos dados da história de relacionamentos anteriores de Doca Street, bem como de sua história ontogenética.

Ao lidar com análise de relato encontramos dificuldades, uma vez que o comportamento verbal tem suas conseqüências reguladas por práticas culturais e apesar de descrever a contingência o relato pode vir afetado por distorções. A análise realizada também não permite o controle de variáveis,

outra dificuldade encontrada na análise do relato verbal já que por vezes trata-se de um comportamento controlado por estímulos encobertos ao qual o pesquisador não pode ter acesso. Apesar destas limitações, a análise realizada permite-nos afirmar que o presente entendimento pode constituir-se em uma contribuição para a compreensão do tema a ser melhor explorado por meio de pesquisas experimentais.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Lucas de F. & MACKENZIE, P., O papel das crenças no ciúme romântico: uma abordagem sócio cognitiva. In: Silva, Wander C.M. P (Org.), *Sobre comportamento e cognição reflexões teórico-conceituais e implicações para pesquisa* Vol 20, cap. 11, Santo André, ESETEC Editores Associados, p.119-122, 2007.

COSTA, Nazaré. Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. *Rev. Bras. ter. comport. cogn.*, vol.7, n.1, p.05 - 14, 2005. Disponível em - <http://revistas.redepsi.com.br/index.php/RBTCC/article/view/38/27> - Acesso em abr. 2011.

COSTA, Maria de Nazaré Pereira, Busca de definição operacional de ciúme uma construção teórica e empírica, Belém, 2009, 179p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do comportamento – Universidade Federal do Pará. Disponível em < <http://www.ufpa.br/ppgtpc/dmdocuments/DOCTORADO/TeseNazareCosta2009.pdf> > Acesso em abr 2011

ELUF, Luiza Nagib., *A Paixão no Banco dos Réus: casos passionais célebres de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves*, 2003.

LEITE, Sandra M. C. S., Ciúme e Inveja: a visão comportamental. In: WIELENSKA, R. C (Org.) *Sobre comportamento e Cognição questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas em outros contextos*, vol.6 cap. 9, Santo André, ESETEC Editores Associados, p. 70-73, 2001.

MATOS, Maria Amélia. *Análise Funcional do Comportamento. Estudos de Psicologia*, v. 16, n. 3, 8-18, 1999.

REESE, Ellen P. (1975) *Análise do Comportamento Humano*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975. 160p.

SIDMAN, Murray. *Coerção e suas implicações*. Editora Livro Pleno, 2001.

SKINNER, Burrhus Frederic. (1982). *Sobre o behaviorismo* (Tradução de M. da P. Villalobos). São Paulo: Cultrix. (trabalho original publicado em 1974).

STREET, Doca. *Mea Culpa*. Editora Planeta, 2006

TOIGO, Daliane Mayellen (2010) Breve análise das teses defensivas da legítima defesa da honra e da privilegiadora da violenta emoção no tribunal do júri em homicídios passionais praticados por homens contra mulheres. *Unoesc & Ciência - ACSA, Joaçaba*, v. 1, n. 1, p. 13-20, jan./jun. Disponível em < <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/acsa/article/viewFile/66/34> >. Acesso em out/ 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo., Mapa da Violência 2010 Anatomia dos Homicídios no Brasil Disponível em -< <http://www.sangari.com/midias/pdfs/MapaViolencia2010.pdf> > - Acesso em mai/2012